

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA | ISTO NÃO É UM DOCUMENTÁRIO – RETROSPECTIVA
MOCKUMENTARY
5 de maio de 2026

MEMORY OF PRINCESS MUMBI / 2025

Um filme de Damien Hauser

Realização: Damien Hauser / *Argumento:* Damien Hauser / *Fotografia:* Damien Hauser / *Montagem:* Damien Hauser / *Som:* Nikola Medic / *Montagem de Som:* Ediz Kiracar / *Interpretação:* Shandra Apondi (Mumbi), Ibrahim Joseph (Kuve), Samson Waithaka (Príncipe), Michael Garama (Trenndy), Newton Ronnoh (Alexandro)

Produção: Hauserfilm GmbH, Out Of My Mind Films / *Produtores:* Damien Hauser, Kaleem Aftab, Shandra Apondi / *Cópia:* DCP, cor e preto e branco, falado em inglês com legendagem eletrônica em português / *Duração:* 80 minutos / *Estreia Mundial:* Veneza, Giornate degli Autori, setembro de 2025 / Primeira exibição na Cinemateca.

“This is not necessarily the truth, this is how we see it as filmmakers”
(dos diálogos do filme)

Ambientado no reino imaginário de Umata (mas não só), MEMORY OF PRINCESS MUMBI, quarta longa-metragem do cineasta suíço de ascendência queniana Damien Hauser, segue a jornada de um aspirante a realizador de cinema de visita àquele país fictício para documentar os efeitos de uma grande guerra (a “Grande Guerra da década de 2070, que eliminou a tecnologia moderna e fez renascer os reinos”) que conduziu a uma depressão global entre os humanos. E fazê-lo se possível (é o desafio, um pedido, de Mumbi, a aspirante a atriz que Kuve – o cineasta – e Damien, co-realizador desse filme, personagem interpretada pelo próprio Damien Hauser – ali conhecem) sem recurso a Inteligência Artificial.

Mas... mas. É que MEMORY OF PRINCESS MUMBI utiliza inteligência artificial *generativa* (por oposição à inteligência artificial *analítica* que já anda por cá há algum tempo e não levanta as mesmas questões éticas e debates que a IA generativa tem desencadeado – e certamente continuará a desencadear –, incluindo sobre o seu impacto nas práticas artísticas), desde logo como uma radical solução de produção (vejam-se os cenários retro-futuristas, absolutamente fantásticos, que de outro modo o orçamento limitado não permitiria desenvolver e que Hauser utiliza “à maneira” das técnicas antigas dos anos 80 e 90, em que simplesmente se “pintava” sobre a imagem). Mas integra-a, tecendo-a de facto, na própria narrativa. Estamos então aqui perante uma situação de um duplo dilema: aquele que os personagens enfrentam no “filme dentro do filme” e aquele que o realizador Damien Hauser se/nos coloca com este seu filme. Isto porque, se no interior da narrativa, o próprio filme, pelas suas personagens, tem um discurso crítico em relação ao uso da inteligência artificial no cinema, para a recriação visual do “seu” mundo, Damien Hauser utilizou (e muito sobre isso tem falado, ou muito sobre isso lhe têm perguntado) a IA. Razão para dizer que o dilema então será: desencorajar o uso da IA, mesmo que em filmes praticamente auto-produzidos na paisagem real do Quênia como este, e assim potencialmente “perder” uma obra como esta de Damien Hauser? É o próprio quem o convoca, neste filme-reflexão sobre o cinema que é também uma declaração de amor.

Questões tecnológicas e dilemas éticos à parte, MEMORY OF PRINCESS MUMBI concentra-se sobretudo no aspeto humano, no aspeto humanista, de um modo global, a partir da vida e da morte de Mumbi, princesa prometida que morre tragicamente, num eco que o próprio realizador por diversas vezes referiu, dizendo que a ideia do filme surgiu na sequência da morte acidental e prematura do irmão de catorze anos (a quem o filme é dedicado) e como forma de lidar com a perda pessoal e fazer o luto.

Segundo disse também, “Quando era mais novo [nasceu em 2001], andava sempre com uma câmara, a registar momentos do dia-a-dia com amigos, família e o que me rodeava. Depois de perder o meu irmão mais novo, voltei a ver as imagens que tinha gravado e percebi que, no meio da perda, havia também inúmeros momentos bonitos que valia a pena guardar. Em MEMORY OF PRINCESS MUMBI, quis preservar este tipo de momentos, aqueles que podem parecer insignificantes, mas que moldam a forma como recordamos e compreendemos a vida.”

Teresa B. Borges